



EDUCAÇÃO PÚBLICA E PESQUISA:  
ATAQUES, LUTAS E RESISTÊNCIAS

Universidade Federal Fluminense  
20 a 24 de Outubro de 2019  
Niterói - RJ

ISSN 2447-2808

5171 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)  
GT12 - Currículo

CARTOGRAFIA E REDES DE CONVERSÇÃO: (DES)CAMINHOS METODOLÓGICOS DE UMA PESQUISA EM DEVIR-ARTISTA  
Eliana Aparecida de Jesus Reis - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

## CARTOGRAFIA E REDES DE CONVERSÇÃO: (DES)CAMINHOS METODOLÓGICOS DE UMA PESQUISA EM DEVIR-ARTISTA

### RESUMO

Como pensar a pesquisa em educação sem pensar a multiplicidade de forças macro e micropolíticas que atravessam o cotidiano escolar? Como não considerar a produção de subjetividades em suas dimensões ético-estético-políticas nas experimentações vividas no campo investigativo? A pesquisa é corpo-pensamento que dança. E quando dança no deslocamento potencializa a criação de múltiplos agenciamentos com forças, afetos e afecções que atravessam a escola. Apostamos com Deleuze e Guattari na cartografia por começar pelo meio, entre pulsações. Apostamos nas redes de conversação de Carvalho pela potência da criação, do coletivo comum e cooperativo. Apostamos com Delboni na construção de pesquisas com o cotidiano escolar (trans)criando em linhas de escrita o movimento de corpos que vibram na criação do conhecimento como o mais potente dos afetos. Desse modo, a pesquisa é composição de um corpo coletivo atravessado por currículos arteiros e por docências em devires que se compõem no “entre”. Pesquisa que fala e silencia, aproxima e distancia, aumenta e diminui forças, cria, inventa outros mundos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cartografia. Redes de Conversação. Criação/Invenção. Devir-artista.

### PARA PENSAR (DES)CAMINHOS METODOLÓGICOS

O modo como pensamos o conhecimento reverbera nos modos que vivemos a produção do conhecimento, a composição da pesquisa. Quando pensamos o conhecimento como objeto que deve ser levado/entregue ao outro, seja para fazê-lo conhecer ou para utilizá-lo a seu favor, é natural que se estabeleça previamente o quê, o porquê e para quê e como fazer, valorizando modelos arborescentes de pesquisa, sem prestar muita atenção àquilo que está lá no “meio”, nas vibrações que acontecem no “entre”, nas pequenas coisas, nas “desimportâncias” do cotidiano, nos planos subjetivos em movimentos múltiplos.

Assim sendo, o pesquisador, ao traçar seus caminhos metodológicos, no movimento de sua pesquisa, envolve-se de tal maneira com o campo de pesquisa que é afetado no encontro com espaços, tempos, documentos, sujeitos, textos, autores, eventos, escolas, currículos, docências e...e... Nesse sentido, pode-se afirmar que a beleza da pesquisa que dança não está no início, nem tão pouco no final. Está no meio. No processo. Está naquilo que é vivido/sentido na experiência em curso, no contato entre corpos. Não há somente a relação da dança com a força da música a composição da coreografia, mas uma relação com outros corpos (pessoas, objetos, imagens). Assim se vive a cartografia.

Assim sendo, pensamos com Carvalho (2008) a educação como processo de singularização constitui-se com um agenciamento para a resistência de fluxos instituídos como um ato coletivo e fabulador com novas forças, de saber, poder e ética. Portanto, a cartografia inspirada nos trabalhos de Gilles Deleuze e Félix Guattari e as redes de conversação com as contribuições dos estudos de Carvalho nos possibilita sair de demarcações fixas e modelares para expandir nosso corpo-pensamento criando outros (des)caminhos metodológicos possíveis.

### LINHAS DE ESCRITA, LINHAS DE VIDA, DE SUBJETIVIDADES

Ao explorar e experimentar o território escolar a cartografia aposta no caminhar, na composição por sensações. Deseja no percurso investigativo “acompanhar processos” (BARRÓS; KASTRUP, 2015), romper conforme Carvalho (2008, p. 133) com “a dicotomia entre o fazer e o pensar, entre o ensino e a pesquisa” assumindo a cartografia como uma atitude ética, estética e política do pensar e fazer coletivamente o cotidiano escolar, produzindo redes de subjetividade compartilhadas.

*- Um guarda. Uma farda. Uma norma. Um (des)encontro. É hora do recreio e o portão o guarda não podia abrir. Obediente, obedeci. Um banco. Uma sombra. Uma árvore no estacionamento me acolhe. A sensação de impedimento ao acessar a escola por alguns instantes me assusta e faz pensar (meio pessimista) no que estava por vir. Seria o encontro entre pesquisa e a escola uma relação de portões fechados? Seria a relação da pesquisa com o cotidiano escolar sempre atravessada pelo poder disciplinar? Seria o portão fechado apenas uma tentativa de organização, de garantia da segurança daqueles que habitam o espaço da escola? Não tive tempo para pessimismo nem para julgamento precipitado. O banco e a sombra localizada entre o portão externo e o prédio da escola logo me acolhe e refresca do calor. Logo, não resisti. Ali mesmo tomei o assento e comecei a ensaiar a cartografia. Uma imagem me chamava a atenção. Era uma vendedora de livros e algumas professoras (duas ou três) olhando livros dispostos no porta-malas de um carro parado no estacionamento. Punir, julgar quem compra coleções didáticas? Não seria honesto da minha parte. Pensei nos tempos que também às coleções recorri, buscando modelos de atividades, projetos, “receitas de ensinar”. O pensamento dispara em outras direções. Que tipo de relação pode ser criado com “receitas de ensinar”? Qual a força dessas coleções didáticas nos currículos escolares de uma escola? Será que os encontros entre as professoras com o material se dão do mesmo modo, com a mesma intensidade? De repente, meu pensamento é interrompido ao atentar para a conversa da vendedora com o guarda responsável pelos portões da escola. “As mais antigas vieram todas. Esta escola era uma das quais eu mais tinha clientes. Já vendi muito livro aqui”. A vendedora se referia às professoras como antigas, pois um número expressivo de outras/novas professoras que havia chegado à escola neste ano. E, então, ali (no pátio da escola, entre um portão e outro, entre a “norma” e venda de coleções didáticas, reverberam algumas das muitas problematizações neste percurso da pesquisa: Onde irão beber “receitas de ensinar” as novas professoras? O que podem as “receitas de ensinar” ensinar à docência? Do que estão cheias estas receitas didáticas? E, ainda, por que nós professoras compramos/desejamos beber deste “cale-se”? Este “cale-se” consegue com sua atividades mecanizadas aterrar nova força inventiva? E a vida imanente que grita, pulsa, vibra em nosso corpo-pensamento entre corredores,*

portas, portões? (Diário de campo, 13/02/2019).

A cartografia é um conceito de metodologia que se desloca da lógica da reconhecimento. Com ajuda de Deleuze e Guattari (1996) podemos pensar que conceitos são linhas, quer dizer, sistemas de números ligados a esta ou àquela dimensão das multiplicidades (estratos, cadeias moleculares, linhas de fuga ou de ruptura, círculos de convergência, etc.). Assim, a metodologia é um agenciamento que põe em conexão o mundo (um campo da realidade), a pesquisa (um campo da representação) e o pesquisador (um campo de subjetividade). Do mesmo modo, a cartografia enquanto um corpo que dança põe-se em conexão com o mundo, a pesquisa/pesquisador/cotidiano são embalados por forças afetos e afecções em movimentos que em suas composições (trans)criam a vida e provocam encontros, extrapolam a lógica da reconhecimento, o tempo, o espaço.

Assim sendo, os afetos (trans)criados com/na/pela palavra/escrita possibilitam outros modos de pensar-viver as relações, os planos subjetivos, os devires, os encontros, as composições curriculares que são enredadas no campo de pesquisa. Conforme Ferraço e Carvalho (2012) as "redes de conversações criam novas formas de comunalidade expansiva, o que implica assumir uma lógica e 'potência de ação coletiva' que pode gerar, desse modo, o agenciamento de formas-forças comunitárias. Assim, os processos de aprendizagem e criação se dão nas coletividades locais e no interior de redes cooperativas de todo tipo[...].

A cartografia, assim como as redes de conversação, aposta na vida, nos encontros, na produção de subjetividades, na criação/invenção coletiva do conhecimento, nas relações entre forças macro e micropolíticas coengendradas nos processos de *aprenderensinar*. Assim, conforme Delboni (2012) o desejo que impulsiona a escrita está nos movimentos, nos fluxos, nas intensidades da vida vivida no cotidiano escolar, enredadas nas micropolíticas, ou seja, nos afetos, afecções, desejos, nas relações, nos encontros de corpo que afetam e são afetados. Em processos de subjetivação que se relacionam com o político, o social, o cultural.

*-Precisamos viver mais momentos como este. São momentos de troca. Para mim a escola tem que ter movimento. Temos que explorar os espaços dessa escola. Temos que nos movimentar. A gente precisa sair das paredes. Eu não me prendo ao livro didático, não me prendo ao caderno. (Enunciado de uma professora em redes de conversação realizadas na escola. Diário de campo, 29/03/2019).*

A cartografia constitui-se como uma força para pesquisas na educação por considerar as produções subjetivas tecidas em redes. Conforme nos aponta Carvalho nessa perspectiva, a noção de sujeito é substituída por agenciamento coletivo de enunciação. Isso significa pensar os sujeitos que compõem os currículos fora da lógica binária do certo ou errado, heróis ou vilões da educação básica. São sujeitos multiplicados, descentrados de apropriações em escala extrapessoal e intrapessoal. Nesse sentido, podemos pensar o campo de pesquisa como território de produção subjetiva, de produção existencial atravessada por forças, afetos, afecções. Portanto, a força da pesquisa no cotidiano escolar não reside na coleta e análise de dados centrada na lógica da representação e classificação de sujeitos e ações. É tecida numa experimentação de dimensões ética, estética e política.

#### **POR UMA PESQUISA QUE DANÇA EM DEVIR-ARTISTA**

Uma pesquisa investigativa em devir-artista, um corpo investigativo em movimento, constitui-se numa pesquisa que dança. Portanto, é preciso dançar no deslocamento, na liberdade, estar ali sempre em movimento. Experimentar, sentir, registrar forças e sensações que nos atravessam e que são atravessadas nas relações de saberes, poderes e subjetividades no cotidiano escolar.

Assim como na dança, por maior que seja o rigor na execução dos passos de uma coreografia, cada dançarino imprimirá o seu modo singular de estar nesse movimento. O mesmo se dá com o pesquisador, por maior rigor metodológico que queira imprimir a sua pesquisa, no encontro com os dados ele imprimirá aquilo que afeta e move seu pensamento nessa composição/produção coletiva do conhecimento.

Ao compor uma pesquisa investigativa que dança embalada pela força da cartografia e pelas redes de conversação o pesquisador vive a experiência larrosiana na produção coletiva do conhecimento, dando atenção àquilo que acontece no "entre", àquilo que é tecido na aproximação de diferentes corpos-pensamentos ao entrarem em relação com forças, afetos e afecções de uma vida em imanência que habita o cotidiano da escola.

#### **REFERÊNCIAS**

CARVALHO, Janete Magalhães. **O Cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis, RJ: DP et alii; Brasília, DF: CNPq, 2009.

\_\_\_\_\_, Janete Magalhães. (Org.). **Infância em territórios curriculares**. Petrópolis, RJ: DP et alii; Brasília, DF: CNPq, 2012.

\_\_\_\_\_, Janete Magalhães. Aprendizagens cotidianas com a pesquisa. IN: Ferraço, C. E.; Perez, C.L.V; Oliveira, I.B. Aprendizagens Cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas. Petrópolis: DP et alii, 2008.

DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera. Movimentos de corpos de alunos(as) que vibram na criação do conhecimento como o mais potente dos afetos. IN: **Infância em territórios curriculares**. Petrópolis, RJ: DP et alii; Brasília, DF: CNPq, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. VOL. 1. São Paulo: Ed. 34, 1996.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.